



10/11/1918

at London, 10/11/1918
II, p. 207 11. 26

252

S E R M A M

Q V E P R E G O V

O P. A N T O N I O V I E I R A D A C O M P A N H I A

de I E S V , n a c a s a p r o f e s s a d a m e s m a C o m p a n h i a

em 16. de Agosto de 1642.

N A F E S T A Q V E F E Z A S. R O Q V E A N T O N I O

Telles do Silva do Conselho de guerra de S. Magestade Co

vernador, & Capitam Gèral do Estado do Brasil, &c.



EM LISBOA. Com todas as licenças necessarias.

Na Oficina de Domingos Lopes Rola. Anno de 1654.

SEYMOUR

COVE PRECOV

C. P. ANTONIO VIERA D. L. C. O. M. P. A. N. I. A

de las Indias de la Compania de Indias

de las Indias de la Compania de Indias

de las Indias de la Compania de Indias

de las Indias de la Compania de Indias

de las Indias de la Compania de Indias



EN DISCO...
...
...

*Vt cum venerit, & pulsauerit, confestim
aperiant ei.* Lucæ cap. 12.



VERDADEIRAMENTE, q se algum
hora prèguey sobre thema forçado, se
algum hora não tiue liberdade de lei-
ção sobre as palauras do Euangelho,
foy na occasião presente. Nem eu pu-
dera tomar outro thema, que o que
propuz; nem poderey seguir nelle ou-
tra exposiçãõ, que a que logo direy;

de S. Gregorio. O fim, & intento de todo o Euangelho
he querer Christo seus seruos vigilantes, & preparados
para quando lhe bater á porta. Isso vem a dizer em sum-
ma as nossas palauras: *Vt cum venerit, & pulsauerit, confestim
aperiant ei.* Se preguntarmos aos Doutores, quando, & de
que maneira bate Deos ás portas de nossas almas: respon-
de São Gregorio Papa no sentido mais literal, que todos
seguem: *Pulsat cum per agritudinis molestias esse mortem vici-
nam designat*: que nos bate Deos ás portas d'alma por
meio das enfermidades do corpo. Se preguntarmos mais
quando, & de que maneira abrimos com pontualidade
a Deos; responde o mesmo Santo Doutor, & com elle
muytos outros: *Cum confestim aperimus si hanc cum amore sus-
cipimus*: que abrimos a Deos com pontualidade, quando
o recebemos com amor. De sorte que o bater, & o abrir
das portas de nossa alma consiste em bater Deos por en-
fermidade, & em abrimos n'os por charidade. *Pulsat per
agritudinis molestias. Aperimus si cum amore suscipimus.* Bem
dille eu logo, que nem pudera tomar na occasião presen-
te outro thema, nem seguir nelle outra exposiçãõ. Cele-

Greg.
b. sm. 13.
in Eua-
gel.

Beda cõ
ment. in
Lu. sm.
Haymo.
homil. 5
in hoc
Euang.

bramos hoje as gloriosas memorias do Illustrissimo con-
 fessor de Christo S. Roque, cujas portas fermosissimas
 d'alma se estão vendo tam batidas, & tam abertas que
 duuido qual mais quise fazer nellas a prouidencia Di-
 uina se theatro de sua paciencia ao Ceo; e exemplar de
 sua charidade á terra. Encontraõle ás portas daquel-
 la alma no mesmo tempo d'as mãos por fora a de Deos
 batendo; por dentro a de Roque abrindo, & ainla que
 o amor não se conquista com golpes, quam rigoroso in-
 sultia Deos no bater, tão amoroso se mostra na Roque ao
 abrir: Deos batia por enfermidades *Pulsat per agraudentis
 molestias*. Roque abria por charidade. *Aperimus se cum amo-
 re suscipimus*. Supposta esta conformidade facil do Euan-
 gelho, parece que se encaminhará o nosso discurso a S.
 Roque pela correspondencia ma anihosa, que teue sua
 charidade com suas enfermidades. E ainla que eu esta-
 ua mais para pedir ao Santo remedio das proprias, que
 para ponderar finezas d'as suas; diremos em quanto pu-
 dermos com o favor da Diuina graça. *Aue maria.*

Vicium veneris, & pulsauerit, coepestim aperiant ei
 I.

SVPP O S T O, que nos bate Deos ás portas d'al-
 ma por meyo das enfermidades do corpo; hã con-
 ta muy si gular acio no glorioso sozeiro de nossa
 oração; & he, que foy tão vigilante feruo S. Roque
 em acudir ao bater de Deos, que não se d'acudio poncu-
 almente quando lhe batia ás portas proprias, senam tam-
 bem quando batia ás alheas. Lybateo hũvez o esposo
 às portas da alma Santa; & com ser Santa, acudio tam-
 pouco diligente que quando he goza a abrir já o esposo
 cansado de esperar se tinha puto de *Surrexit ut aperiret di-
 lecto meo; at ipse declinauerat, et se mansierat*. Ver ta deica mē-
 te que se a esposa dos Cantares não representara as al-
 mas de toda a Igreja, creio que deixara Deos a alma San-
 ta

Cant. 5.

tã, & se despoſara cõ a alma de Roque. A alma ſanta tal
vez não acode a Deos, quando lhe bate às portas propri-
as S. Roque, ou lhe bate Deos às proprias, ou as alheas,
ſempre acode diligente.

20 E ſe me perguntão quan lo acontecco iſto a S. Roque
quando acudio com eſta pontualidade a hũm. & outro
bater de Deos? digo que ſempre, e n duas occaſiões: o
quãdo lhe batia Deos as portas proprias, por meyo de
enfermidades ſuas, ou quando batia as portas alheas por
meyo das enfermidades dos proximos: *Pulſas per agritu-
dinis moleſtias.* Andando tão ſeruoro o em hũm, & outro
abrir ſua charidade: *Aperiuas ſe em amore ſuſcipimus;* que
das enfermidades alheas a loecta, & com as enfermi-
das proprias curaua: Jas e enfermidades alheas tiraua do-
ença para ſi, das enfermidades proprias tiraua ſau-
de para nõs. Não he modo de enqueſcer, ſenão verdade dizeu
Quando São Roque ſahi de França para Italia, o exerci-
cio, & iſtituto de vida que tomou, foi ſeruir aos enfer-
mos nos hoſpites, dando (poſto que curou muyto mi-
lagreſamente) ſahi com hũa graue e enfermidade, q̃ lhe
deu longa mataria de paciẽcia. *M*achou para a patria,
& chegando ſelhe o fim diſpoſo de ſua peregrinação, per-
mitio o Senhor, q̃ foſſe ferido de peſte, de que morreo
em breues dias; mas de pois de morto, foi achado cõ hũa
rabo nas mãos eſcrita por miniſterio de Anjos, na qual
prometia, que to los os enfermos de peſte, que ſe eſco-
mendaff m em ſua interceſſão, ſa ariaõ daquelle mal.
Aſſi, que das enfermidades alheas tiraua doença para ſi,
& das enfermidades proprias tirava remediaõ para nõs.
Quando ſerue aos enfermos toma por premio a doença;
quando morre da enfermidade, deixa em t. ſta mento a
ſau- de. A tẽ aqui pontualidade de acudir a Deos, a tẽ aqui
engenhoso artificio, & artificioſo extremo de charida-
de! Adoecer com as enfermidades alheas, & curar com
as enfermidades proprias. Excellencia he eſta que ſõ du-
as vezes acho eſcrita, hũa vez junta, outra diuidida: e ti-

nidida em S. Paulo, & em Christo: le junta to glorioso S. Roque.

II.

2. ad Co
rnt. 11

VAY contando S. Paulo o muyto que tinha pa
decido em feruico dos proximos, & diz assi aos
Corinthios: *Quis infirmatur, et ego non infirmor*. Que
homem ha que adoeça, que não enferme eu també com
elle? Notauel dizer! Parece que ou a charidade he hum
bem contagioso, que se péga a todos os males, ou todos
os males são contagiosos em respeito da scharidade, que
se pegão a quem a tem; *quis infirmatur, & ego non infirmar*
Mas como pôde ser (vamos à razão) como pode ser, que
adocesse S. Paulo das enfermidades alheas & que sen
tindo cada hum as suas, Paulo padecesse as de outros? Lá
os outros enfermavam, & à Paulo adoezia! como pode
isto ser? Na charidade do Apostolo temos a soluçao da du
vida. Como a charidade essencialmente he uniao, &
uniao perfeitissima, de tal maneira vne os proximos en
tre si, que se tu temho charidade, cada proximo he outro
eu. *ut sint unum, sicut nos unum sumus*; & como por estes la
ços sobrenaturaes os homẽs se vnem entre si, & se iden
tificao reciprocamente; daqui vem que pode, antes deue
cada hum adoezer das enfermidades do outro, porque
necessariamente hão de ser os accidentes cõmuns onde
o sujeito he o mesmo. Por isso S. Paulo, & o mesmo d go
de S. Roque) adoezia das enfermidades alheas, & sentia
do cada hum as suas; elle padecia as de todos; tudo por
beneficio de sua charidade. Adoezia das enfermidades
alheas porque a uniao reciproca do amor as fazia pro
prias; & sentindo cada hum o seu mal, elle padecia o de
todos porque se do hum sò por natureza, era todos por
charidade. *Qua in almodum si uniuersa orbis ecclesia esse sit in*
quoquoque membro discerni abatur, diz S. Ioão Chrysostomo.
Adoezia em todos por sentimento, porque viuia em to
dos por amor: *quis infirmatur, & ego non infirmor*.

Ioan.
17

Ch ys.
hom. 25
in 2 ad
Corint.

Donde a mente parece, podemos dizer por hũa certa
analo

218

analogia que o que lhe faltou a Deos em quanto causa primeira por perfeição de sua simplicidade, suprio Sam Paulo, & Sam Roque por perfeição de sua charidade, Deos N.S. (como ensinam os Theologos) he primeira causa a ctiva, mas nam he primeira cauza passiva. He primeira causa a ctiva, porque por sua imensidade, & omnipotencia obra com todos os que obram, concorrendo juntamente com elles: & nam he primeira causa passiva, porque por sua simplicidade, & immutabilidade, nam pode padecer em si nem receber accidentes estranhos. De maneira que obra Deos cõ todos os que obram, mas não padece com os que padecem. Pois esta generalidade, & extensam, q nam tem Deos, em quanto causa primeira por perfeição de sua simplicidade, esta suprio S. Roque com S. Paulo por perfeição de sua charidade. Deos como primeira causa a ctiva, obra com todos os que obram Roque como primeira causa passiva, padece com todos os que padecem. & assi como he brazam da Omnipotencia Divina, que ninguem pode obrar sem Deos. *Sine me nihil poteris facere*; assi he brazam da charidade de Roque que ninguem pode padecer sem elle. *Quis infirmatur, & ego non infirmor?*

D Tho.

in 1. p.

q. 44.

Suar in

metb.

dist. 12

sect. 1.

Ioan. 15

III

ESTE sois divino Roque. este ao mundo todo, por beneficio, & este aos Religiosos desta casa por imitação; q pouco fora recebello de baixo de vosso patrocínio, se lhe nam communicareis juntamente as gloriozas participações de vosso fervoroso espirito. Verdaderamente que quando considero (sejam heito ao menos pelos privilegios de estranho, dizemo que venero, & o que a lmito) quando considero a verdade com que pô le dizer a casa de Sam Roque: *Quis infirmatur, & ego non infirmor?* Que enfermidades, que males, que trabalhos ha em Lisboa, que a charidade desta casa nam partisipe: Nos hospitaes, nos carcerees, nas afflicções, & sentimentos particulares, que sempre são mais que os pu-

blicos qu em os padece neste grande pouo, que não reparta sua paciencia com a charidade dos Religiosos desta casa? Que enfermo que os não tenha á cabeceyra? que preso que os não ache á grade? que condenado q os não leve consigo ao lugar do supplicio? finalmente, que necessidade spiritual, ou temporal, que não venha buscar a qui, ou o remedio, ou aliuio, ou a companhia? Quando tudo isto considero, me presuado que deue esta graça a Companhia ao glorioso padroeiro desta casa, & q a graça os Religiosos della, mais por padres de S. Roque, q por filhos de S. Ignacio. Lá quando aquelles Anjos peregrinos se agazalharão em casa de Abrahaõ, louua muito **Gen. 19.** Lypomano a charidade com que Sara, & Ismael os feruião, mas não conhece nelles esta virtude pello que tinham de parentes, senão pello que tinham de domesticos de Abrahã. *Vxor accellerat puer festinat: nullus piger est in domo sapientis.* De maneira que era filho Ismael de Abrahã, mas aquella diligencia, & charidade não resplandecia nelle, porque nãcra de seu sangue, se nam porque ynia em sua casa; era filho diligente, & charitativo, mas não era diligente & charitativo por filho, senão por domestico, *Nullus piger est in domo sapientis.* Algũa razã tenho eu logo para dizer, que deuem os Religiosos desta casa os feruores de sua charidade a São Roque mais que a S. Ignacio: porque de S. Ignacio são filhos, mas de Sam Roque domesticos. Não são isto privilegios da filhação, são proveitos da moradia: no instituto, são obrigações da vida que professamos, no exercicio, são influencias da casa em que viuemos.

Nem eu cuido que se podera aggrauar meu Padre S. Ignacio de eu o considerar assi, porque estas graças, ou estas glorias todas tornão a demandar a fonte donde manarãõ & S. Roque tambẽ foy filho de S. Ignacio. Não digo isto por querer imitar a deuação, com que algũas Religioens perfilharão os Sanctos albeos, porque estes piadosos latrocinios soo se podem dissimular (posto que nam enu

encubrir) Na confusão das antiguidades, & a nossa religião he tão pouco antiga; que mais se conhece de vista, que de memoria. O que digo, & o que entendo, he que S. Roque foy professo da Companhia em Spirito, & filho de Santo Ignacio em Prophecia. A forma de vida, que por morte de seus pays tomou S. Roque foy esta: renuncia seus estados, que era senhor de Mompelher, reparte com os pobres suas riquezas, parte a Italia, & alli, como dissemos, applicase a servir aos enfermos, tratando do remedio de seus males, como se foram proprios. Pois glorioso Roque, Frãcez Divino, q' impetu de spirito he este vosso? que trocados de vida são estes tão contra postos? aqui renunciais os bens proprios? alli tomais à vossa conta os males alheos? Si: que isto he ser professo da Companhia. O instituto da Companhia professa, consiste em renunciar os bens proprios, & fazer proprios os males alheos. Cõsiste em renunciar os bens proprios, porque nem ãa casa professa da Companhia pôde ter propriedade algũa, nem aida para o culto Divino, de que he tam zelosa; & consiste em fazer proprios os males alheos, porque esse he o voto, & obrigaçam dos professos, acudir aos males communs, & dos próximos como se foram proprios, & particulares. Este he o instituto da Companhia professa, & esta a vida, que professou S. Roque, seguindo em prophecia os exemplares de seu, & nosso P. S. Ignacio, & para q' não cuyde alguem que preuerto a ordem dos tempos, & chamo exemplares ao q' deuera chamar imitações, firmeha o pensamento S. Isidoro Pelusiota, que ainda em mais anticipada acção o considerou assi.

Considera S. Isidoro Pelusiota o amor, e re'elucão cõ que Rebecca para grangear a benção a Jacob se expoz ao perigo da maldição que elle temia, & diz desta maneira. *Rebecca Apostolica animi magnitudini pradita*, verdadeyramente Rebecca com grandeza de animo Apostolico: notay; Rebecca foy antes da vinda de Christo mais de dous mil annos, & ja então diz S. Isidoro que seguia as

Gen. 27
Isid. Pe
lusiotti.
2. epist.
58.

me faz andar palido, andar en fermo, andar tifico, andar mirrado. Pois como se o zelo charitativo he hũa virtude q̃ esta na alma, como adoezia de zelo David, & se êtifica ua no corpo: *zelo corpore tabescit*: Glosa aqui a Interline al A razãõ deste excessõ he porque os affectos de nossa alma se sãõ extremadamẽte intẽsos ateãse pella visibnança ao corpo, chegando o corpo a padecer por enfermidade o que a alma padece por sentimento O color naturalmente dilata; & como a charidade he hũm affecto ardente, chega tal vez a dilatar se tanto, que nam cabendo na estreiteza onde nasceo, ou rebenta o ccrãõ, & morrestes: ou se communica ao corpo, & enfermastes: *Tabescere me fecit charitas mea*. Tal fey a charidade de Roque não chegando a ser tal a charidade de Paulo: para q̃ se veja quam vigilante seruo se mostrou em abrir a Deos quando lhe batia as portas alheas por meyo das enfermidades dos proximos. *Vt cum venerit, & pulsauerit: pulsus per agridudinis molestias Confestim aperiant ei: aperimus si cõ amore suscipimus.*

Incert. hic.

III.

E Amor que era tão Argos em acudir a Deos quando batia as portas de outros, ja se ve quam vigilante seria em abrir quando lhe batia as suas. Andou taõ ergenhosa também aqui a charidade de Sam Roque, que se la em emulaçãõ de S. Paulo soube adoe cer com as enfermidades alheas, cã ã imitaçãõ de Christo soube curar com as enfermidades proprias. Fazer das enfermidades proprias medicina he privilegio soberano q̃ sãõ em Christo Senhor nosso se acha, de quem diz o Propheta isaías, *livore eius sanati sumus*, que suas enfermidades, ou dores ferãõ nossa saude. Com menos facilidade mas com mais galatãtia o disse o Euangelista S. Matheus & he hũm dos textos de sua historia, que reconhecem os interpretes por mais difficultosos. Sãõu Christo em Capharnaum grande multidãõ de doẽtes de diversas enfermidades, & referindo S. Matheus este milagre, diz assim. *Omnes milos habentes curavit, ut adimpleretur quod dictũ est*

Isa. 64.

per Iſaam p̄phetam dicentem ipse infirmitates nostras accepit,
& agritudinis nostras portauit. Curou Christo todos os en-
fermos, que lhe apresentaraõ diz S. Matheus, & aqui se

*Ita San-
ctus sup
Is cum
pullij.* comprio o que disse o Propheta Iſaia, que tomara Christ
to em sy nõſas penas; & paſſeceria nõſas euf. e infirmitades:
Nota uel allegar de profecias por certos? Se Christo esta
ua curando enfermos, & a profecia diz que baueria de pa-
decer nõſas infirmitades, como se comprio neste caso

a profecia? Pãdecer infirmitades, & curar enfermos, he
a mesma coisa? E n Christo sy; a mesma coisa he e Chris-
to paſſecer enfermidades que curar enfermos, porque a
paciencia de ſuas dores foy o remedio, & medicina das
noſſas: *linore eius sanati sumus.* Por iſſo o Euangelista quan-
do vio a Christo milagrosamente medico, logo o confi-
derou inſalliuamente enfermo, porque aquelles effeitos
de curar eraõ certezas de adoeecer. Onde a enfermidade
era medicina nõ podia ter ſaude quem a daua. *Et de ſuit*

Oleaſt. in Isa. bic. *sanitas ne nobis deſſet.* diſſe com proptiedade o Oleaſtro.
Tal o grande imitador da charidade de Christo S. Ro-
que; que do ſofrimento de ſuas enfermidades faz mereci-
mento de nõſa ſaude, & morreo ferido de peſte ſem re-
medio, para q̄ tiueſſe remedio os feridos de peſte. Quem

viſſe eſtar morrendo do mal de peſte a Roque, & o tiueſ-
ſe viſto curar milagrosamente a tantos do mesmo mal, pa-
rece q̄ poderã dizer ao Santo por admiraçã o o q̄ no cal-
uario diſſerã a Christo por afronta. *Alios ſaluos fecit ſe*

Mat. 27 *ipſum non poteſt ſaluum facere:* pode ſaluar aos outros, & a ſy
nãõ ſe pode ſaluar. Pois ſe ſãrou de peſte a tãtos, porq̄ ſe
nãõ cura tambem a ſy? Sabeis porque? Nãõ ſe curou S.
Roque a ſy, porque quiz que ſãraſſamos nõs: *Et de ſuit sa-
nitas ne nobis deſſet.* Offereceo a Deos ſua enfermidade
por nõſa ſaude, ſua vida por nõſa morte: adoeceo para
que ſãraſſemos, morreo para q̄ viueſſemos: & ainda que
tioba virtude milagroſa para curar de peſte, nãõ quis em-
pregar eſta graça em ſua vida para poder teſtar della na
morte, A ſy o diziãõ as taboas de ſeu teſtamẽto. Ha mais

fino amor dos proximos? ha mais perfeita, ha mais divina, charidade q̄ esta? Julgoa por tam divina, que não foram menos q̄ demonstraçoens de divindade em Christo, os que forão effeitos de charidade em Roque.

Estava S. Thome incredulo, da resurreição com os outros discipulos. Etra Christo, cõ as portas cerradas abre as das mãos, & do lado chega Thomê, & apenas tinha visto, ou toca lo as chagas, quando cae aos pés do Senhor dizendo: *Dominus meus & Deus meus*: e reconheço Senhor que sois o meu senhor, & creyo, que sois meu Deos. Mais crey Thomé do que duuid: porque só duuidava de hũ homem resuscitado, & reconhece o mais por Deos verdadeiro. Pois, discipulo incredulo, atégora não creis taõ obstinado, como já credes taõ resoluto: E se nunca reconhecestes em vosso mestre mais q̄ a humanidade, como o confessais por Deos, tão subitamente, que he o q̄ vistes nelle! que he o que descobristes de novo! Vistiz Thomê) que deixou este senhor as mãos, & lado abetto para render minha incredulidade; & quem não fecha a suas chagas, pera ter com que curar as minhas, he mais q̄ homem, he Deos: *Dominus meus & Deus meus*: *Nouo genere vestigia vulnerum divinitati perhiberent testimonium*: Ex luma Santo Agottinho: coula noua, & prodigiosa; que chagas de hum corpo humano seião testimonho de natureza divina. Mas que menos se pode arguir, que divindade, em quem deixa abertas as chagas proprias para ter com que curar as alheas: *Voluit exhibere in illa carne citraticos vulnerum ut vulnera sanaret incredulitatu*: diz o mesmo S. Agottinho. Estes pois que forão argumentos de divindade em Christo, forão effeitos de charidade em Roque; o qual podendo lutar do mal, de que estava ferido, não quiz fechar suas chagas, para ter com que curar as nossas, & renunciando com mayor milagre, os milagrosos privilegios de sua virtude quiz morrer indefenso a mãos da peste, para que a peste morresse a suas mãos. Assim abria Roque por charidade, quando assibava Deos por enfermidades

*Iosua
20
Hoc sensitivum interpretat Theologi.*

*S. Aug.
ser. 156
de 18po
re.*

*Serm.
147. de
tempore*

261

duces. Pulsat per agritudinis molestias, aperimus se eum amore suscipimus.

V.

A Maõs de Roque morreo, & morre a peste, ou reconhecendo a virtude, ou obedecendo à uolencia de sua intercessãõ; onde eu noto, quãbem se corresponde aqui o premio, & o merecimento porque este segundo curar foy premio daquelle primeiro oecer. Sobre o *Præcinget se: & sicut lambi vestri præcincti* do Buangelho, notou com agudeza S. P. Chrysologo que paga Deos na mesma moeda os seruiços, que lhe fazem os homens. Cingidos pera me seruir a mi, diz Christo; que eu me ci girey (quem não affombra!) ara vos seruir a vòs. E como a liberal dade de Deos he tão pontual nas correspondencias: com que mais igualmente se ania de premiar hum bem contagioso, que com do minar males contagiosos? La distamos no principio que a charidade de S. Roque em emulação de São Paulo tra hum bem contagioso, que se pegaua aos males, p'õs em pagõ de hũa virtude, que he bem contagioso, dese a São Roque virtude de curar males contagiosos. Algũa couza disto temos em Ioseph:

*Chrysol
[er. 23]*

Amana sua senhora a Ioseph tam perdidamente como sal e mo; passou a affeição a locura; passarão as significações a violencias: deixou lhe em fim o casto moço a capa nas mãos; & daqui se trocou aquelle excessivo amor em taes excessos de aborrecimento, que dos laços desejados se foiãram prisoens executiuas. & foy posto em ferros Ioseph. Pois, Egypto a infiel, que mudança he esta tam repentina? Pouco ha tanto amor, & agora tanto aborrecimento? Se querias conquistar a vontade de Ioseph; principio foy de victoria, ficar como despojo nas mãos. Pois porq̃ não continúa teu amor a empresa? porque aborreces tanto, a quem amas ha tam pouco? Quereis ouir com admiração, porque? Porque lhe ficou nas mãos a capa de Ioseph. Assim como se pegam

pegão as enfermidades, tambem se pega a saúde. Se ba-
 stio os vestidos de hum enfermo para se pegarem os
 achagues do corpo, tambem bastão os vestidos de hum
 Santo para se pagarem os affectos d' alma. Qual cuy-
 dais que foy o principio da conversão de Sam Paulo? Al-
 tamente o penetrou o juizo de Bernardo. Entre os que
 apedrejauão a S. Esteuão andaua tambem Sam Paulo
 antes de conuertido, o qual foy tam venturoso que lhe
 coube a boa conta guardar as vestimentas do martyr.
*Deposuerunt vestimenta sua secus pedes adolescentis, qui vo-
 cabatur Saulus.* E que se seguiu dahi? Seguiu o e. diz S. Ber-
 nardo, que pello toque daquellas roupas, começou
 Deos a lhe tocar na alma; & dos vestidos de Esteuão
 a quem apedrejaua, se lhe pegou a mesma Fé, por que
 Esteuão morria. *Deponuntur vestimenta martyris ad pedes
 persecutoris, qui ad tactum sacrarum vestiam fuerat conuer-
 tendus.* Com particular providencia do Ceo se entre-
 gârao ao perseguidor os vestidos do martyr, para que
 tocandoos se lhe pegasse a fé, & viesse a seguir como
 veyo, a ley que perseguia. *Qui ad tactum sacrarum vestiam
 fuerat conuertendus.* Assi se conuerteo Saulo em Paulo, &
 assi se trocou o amor da Eglypcia em aborrecimento. Fi-
 cou a Eglypcia com a capa de Ioseph nas mãos: *Relicto in
 manus eius pallio fugit;* & como pellos vestidos dos Sanctos
 se pegão as inclinaçoens, & affectos da alma, aborreceo
 logo a Eglypcia a Ioseph, porque Ioseph aborrecia a E-
 glypcia. Communicou selhe o aborrecimento ao coração
 pello tacto, & pegou selhe a desaffeição de Ioseph, loo
 por que pegou em suas roupas sagradas; *Ad tactum sacra-
 rum vestrum.*

*Sic inte-
 ligat.
 Bern.
 Petrus.
 Damian
 & alij.
 Bern.
 serm. de
 S. Steph*

Mas d' onde mereceo Ioseph (ainda nam fechamos
 o pensamento) d' onde mereceo Ioseph que se lhe con-
 cedesse já entam o que foy privilegio singular do pro-
 thomartyr, & que ao toque lantamente contagioso de
 suas roupas se produzissem tam maravilhosos effectos?
 Se hey de dizer o que entendo, acho que nesta mes-
 ma

ma acção teve Ioseph o merecimento, & o premio. E se não, pergunto, porque deixou Ioseph a capa nas mãos da Eypcia: Deixar em poder de seu enemigo hũa testimunha falsa contra sua innocencia, mas he temeridade, que confiança. Pois porque nam faz força para trazer a capa consigo, porque não resiste, porque a larga das mãos: Venturosamente ao intento Santo Ambrosio *Contagium indicavit si diutius moraretur, ne per manus adulterae libidinis inceptiva transierent, itaque vestem exiit.* Lar gou Ioseph a capa nas mãos de Eypcia porq̃ julgou q̃ era mal contagioso seu torpe amor, & não quiz que pelas roupas se lhe pegasse a peste. *Contagium indicavit; itaque vestem exiit.* *Absy!* E Ioseph tem por mal contagioso o amor da Eypcia; pois seja bem contagioso o desamor de Ioseph. Vos tendes por mal contagioso sua impureza; pois seja bem contagioso vossa castidade. De sorte que juntamente naquella capa avia hum mal, & hum bem ambos contagiosos: o torpe amor da Eypcia de cujo contagio fugio Ioseph, & o casto de amor de Ioseph, cujo contagio em parte se pegou á Eypcia. Pois assi como Deos concedeo a Ioseph que fosse bem contagioso sua virtude, porque teve por mal contagioso o vicio alheyo; assi concedeo a S. Roque que sãraffe de males cõtugiosos sua intercessão, porque foy bem contagioso sua charidade. Foy a charidade de Sam Roque hum bẽtã contagioso, q̃ se lhe pegavaõ os males & doencas de todo: *Quis infirmatur, & ego non infirmor:* Pois seja digno premio dessa contagiosa virtude que todos os males se rendão a seu imperio, & que não haja contagiãõ, nem peste no mundo, onde chegar a intercessão, e nome de Roque.

VI.

E S T E S sam os merecidos prodigios de vossa charidade, glorioso, & poderoso Santo; & pois como divino auogado da peste exercitais tam obedecido dominio sobre todos os males contagiosos, hũa

267
hũa petiçam vós quero fazer, que será a materia desta
segunda parte, fio que vos não seja menos agradavel,
que a primeira, porque os animos dezejosos de fazer
bem mais os lisongea quem lhes pede, que quem os lou
va. A petiçam que faço, & a merce que vós peço, di
vino Roque, he que liureis o nosso Reyno de duas
pestes muy perigosas, que não sey se vão ja corrompen
do o saudavel clima de seus ares. São consequenci
as da guerra estas tam certas, como da noias: *Surgit gens* Mat. 26
in gentem, & regnum aduersus regnum, & erunt pestilentia.
Alguns haverã que seguindo a resoluçam de David de
zeirião antes remedio para a guerra que para a peste
mas eu pella mesma razã temo mais os rebates da
peste, que os rebates da guerra. Poz Deos a David em
sua eleiçam que de dous ou tres males, que lhe ameaça
ua, escolheffe liuremente o que mais quizeffe: & com
ser tão grande soldado David, quiz antes peste que guer
ra. A razão deu o mesmo Rey, como aponta o texto.
Quia melius, ut incidam in manus Domini, quam in manus
hominum. Porque a guerra estaua nas mãos dos homens
& a peste nas mãos de Deos; sempre sam menores
os males, que se dispensão pella mão de Deos, que os
que se executam pella mão dos homens. Por esta razão
temo mais David a guerra, que a peste; & pella mesma
temo eu mais a peste que a guerra; porque se là a guerra
estaua nas mãos dos homens, & a peste nas mãos de De
osicã a guerra esta nas mãos de Deos, e a peste nas mãos
dos homens. A guerra esta nas mãos de Deos, porque
Deos a tomou a sua conta, & nos da tão milagrosos suc
cessos como cadadia vemos: & a peste esta nas mãos dos
homens, porque os homens sam os que encontrão (não
fallo das tentações, se não dos efeitos) ou ao menos de
sajudão o bem da patria.

Ora eu me puz a considerar como chamaria a estas
duas pestes, que digo de Portugal; & por lhe não fazer
as definições compridas, definias assi. Pouca fee,

& Muyta fe. Pouca fee, isto he pouca fidelidade: Muyta fee, isto he muyta confiança. Muyto cor fidos & pouco confilentes sam em Portugal os feridos da peste, de que Deos nos liure. Máo he que tenhamos occasiam de dizer isto entre Portuguezes, mas pior fora se se nam estranhâra. Cuydo que o mostrarey de maneira, que ao menos, se não persuadir o remedio, hey de justificar o queixuma. Que esteja apéstado de pouca fee Portugal o pouo o diz commummente, & cuyda, que o proua; mis ainda que a authoridade do pouo he tam grande, que ella só bastou para canonizar a São Roque: julgue Deos os coraçõens de cada hum, que eu só das mãs quero fazer juizo. Argumento assi. He certo que nas Cortes passadas se pro netteram subsidios para a guerra quantos fossem necessarios a conseruaçam lo Reyno. Tambem he certo que se intetaram donatios, que se multiplicaram tributos, que se intetou luziram decimas, que se acrescentou a moeda o cunho, & o preço; & com tudo vem os que ha necessario reperir Cortes para arbitrar nouos modos de tirar dinheiro effecti no, porque cada hum guarda o seu & ha muy poucos que paguem o que lhes toca. Os muyto poderosos por priuilegio, os pouco poderosos por impossibilidade, cada hum trata de lançar a carga aos hombros do outro, & tal vez cae no cham porq se não ha quem a sustente. He isto assizainja mal. Bem digo eu logo, que ha pouca fee em Portugal. Fee tão apertada de mãos, não he verdadeira fé.

Diz Christo no nosso Euangelho: *Lucerna ardentes Sic, s. in manibus vestris*: Que tenhamos tochas accizas nas nossas mãos. Supposto que o lume destas tochas significa o lume da fee; porque diz Christo que o tenhamos nas nossas mãos: *In manibus vestris*? Os actos da fee, no entendimento, in tanto se produzem, no entendimento se recebem; *hic Ecce* pois se a feè está no entendimento, como a poem Christo agora nas mãos; *Lucerna ardentes in manibus vestris*

Hũa razam muy verdadeira he, porque a fee practica,
que Christo aqui ensinaua, nam consiste tanto em ver-
dades do entendimento, quanto em liberalidade das
mãos. Nam he mais fiel quem melhor discorre, se nam
quem concorre melhor. Por isso nos representa Christo
a fee em figura de tochas; porque a tocha se està ace-
sa gasta se, & se nam se gasta, està apagada, O quantas
tochas, que pudêram luzir gloriosas, se vem nesta oc-
casião apagadas miseravelmente! *Lucerna ardentes in
manibus vestris*: Portuguezes; se a fee he tam ardente
como deue ser veja se luzir nas mãos. Apertarem se as
mãos, he sinal de frieza, & que nam arde fogo no cora-
çam. Amanam muyto os Magos, & criam verdadey-
ramente naquelle Rey que acclamaram em Terusalem,
& como sabios vede a protestaçam que fizeram de sua
fee. *Procidentes adorauerunt, & apertis thesauris suis, ob-*
tulerunt. Prostrados por terra adoraram, & abrindo seus
thesouros offereceram. São Leão Papa. *Quod cordibus cre-*
dunt, manibus protestantur. Na liberalidade com que
clauam, protestaram a verdade com que criam; & por
que d'hi costuma estar o coração onde està o thesou-
ro, fizeram os seus thesouros interpretes de seus cora-
çoens. *Quod cordibus credunt, manibus protestantur*. Se
víssemos que entravam os Magos em o presepio, & que
vendo naquelle estado a seu Rey, he nam faziam ser-
uiço de suas riquezas; que diriamos? Diriamos com
muyta razam que nam criam nelle verdadeiramente,
& que aquellas cortezias foram enganolas, & aquel-
las adoraçoens fingidas. Adorar, & não offerecer, quan-
do o Principe està em necessidade dobrar os joelhos
& nam abrir os thesouros, nam he vicio de avariza, he
crime de infidelidade. Fee, & liberalidade sam virtu-
des synonimas, & quem està duvidoso no dar, nam està
firme no crer. O que os Magos offereceram a Christo
foy Ouro, Incenso, & Mirra; & dizem todos os Pa-
dres, & com elles conformemente a Igreja, que no ouro

Mat. 2

Leo ser.
3. de E
piphan.

Viraq
Glossa

Remig.
Hilar.
Arabr.
August.
Hier.
Greg.

confessaram que era Rey: no incenso, que era Deos: na myrta que era homem. *Auro Regem, Thure Deum, myrta morialem.* Oh grande confirmaçam do que dizemos! De sorte que interpretaraõ os Magos a fé pella liberalidade & para confessarem tres artigos offereceram tres donatinos. *Auro Regem, Thure Deum, myrta morialem.*

3. M. M.
1. b. 3.
1. d. 1. 1.

Mat.
17.

Pois se a fee se explica pella liberalidade, se o dar he synonimo do crer, se a obediencia dos Reys se protesta com ouro nas mãos, *Auro Regem*; como não temeray em que ha rebates de peste, ou sospeitas de pouca fee em Portugal, quando a liberalidade se preuerteo em cubica, & em vez de se pagarem tributos, pode ser que se multipliquem latrocinios? He bom genero de fee esta? Eu o direi. Preguntaram os ministros reaes a Sam Pedro se havia seu mestre de pagar tributo a Cesar, & respondeo que si, mandou Christo a Pedro que fosse pescar, que na bocca do primeiro peixe acharia a moeda que se pedia. *Et da eis pro me & te*: & pagai, Pedro por mi, & por vós. Notay. Christo era Senhor do mundo, Sam Pedro era Principe da Igreja, & com tudo diz o Senhor, pagai por mi, & por vós, *da eis pro me, & te*, porque os tributos dos Reys, principalmente em tempo de necessidades grandes, tambem os grandes, & senhores he bem que os paguem. Nos bens, & males communs: ninguem he privilegiado: sintam todos o mal que toca a todos. Mas não era isto o que eu queria ponderar. O em que muyto reparo he em mandar a providencia de Christo, que Sam Pedro pagasse o tributo. Pagar o tributo parece que tocava por raziã de officio ao Apostolo, que tinha o dinheyro; pois se Judas era thesoureyro, ou procurador, se Judas era o que tinha a bolsa do Collegio Apostolico, porque não manda Christo pagar o tributo a Judas? Direi o porque? Porque quem tinha animo para vender a seu Senhor, nam tinha sião para pagar o tributo. Nam pagou o tributo Judas, porque os Judas nam pagam tributos. Ve

270
jase agora se ha sospeitas de pouca fee, se ha feridas de infidelidade em Portugal.

Glorioso Santo, esta he a primeira peste de que vos peço nos liureis este Reyno; & se nam fora por temor de alguma irregularidade, não sey se vos pedira tambem que a curasseis como a curou Sam Pedro. Defraudou Ananias a parte do preço, que deuia por todo aos pés dos Apostolos, como agora fazem alguns que pagam a decima, mas decimada: mandao vir diante de si Sam Pedro, julga o crime summariamente, notifica-lhe a sentença em tres palavras, & foram tam rigorosas, & executiuas, que no mesmo ponto com assombro, & tremor dos circunstantes cabio morto ao seus pees Anania. Tanto rigir em hum discipulo de Christo, na piedade de hum Apostolo, nas entranhas d' hum Sam Pedro, & por huma culpa ao parecer nam tam pezada? Si diz Santo Ambrosio, & dá a razão. *Tanta erat infelicitas auaritia pestilentia, ut Senatus cum Petrus, non tam emendare voluerit, quam damnare.* Deu sentença de morte, repartina Sam Pedro a Ananias por defraudador somente do preço prometido; porque como estava inficionado com a peste da auareza, & podia inficionar, & apertar a outros, teue por melhor tirar-lhe a vida, que esperar-lhe com perigo a emenda. Com este rigoroso remedio se curou ja alguma infidelidade em Portugal, e exemplo que he bem ande nas memorias sempre viuo; mas aos fielmente Portuguezes baste vos o do glorioso Sam Roque para que assi como elle deu estado, riquezas, & quanto possubia pella patria do Ceo, demos nós tam bem com apostada resoluçam quanto temos pella defensam da nossa. Ainda ha comendas, ainda ha rendas, ainda ha joyas, ainda ha coches, ainda ha galas, & regalos, & em quanto houuer sangue nas veas, hauerá muyto que dar. Deese tudo pella patria, que nella fica assi como deu Sam Roque tudo para nella o achar. E se o exemplo

Al. 5.
Ambr.
ser. 13.
de San-
ctus.

exemplo de Sam Roque, por altó, nos desmaya, & ha o-
lhos fracos, que cegam com tanta luz, a baxemos hum
pouco a vista, & veremos retratada aos pés do Santo
hũa acção irracional, mas generosa, que quanto mais fal-
ta do uso da razão, efranha, & reprehende mais iusta-
mente as semrazoens de infidelidade humana. Todos os
authores antigos fizeram ao cam symbolo da fidelida-
de; & quando esta nobreza nam fora taõ antiga naquel-
le animal o de S. Roque pudera ganhar este titulo para
toda a sua especie. Estava S. Roque no campo deitado ao
pè de hũa arvore pobre, desconhecido, solitario, enfermo
& no meyo deste desemparo tinha hum cam que leuan-
do todos os dias hum pam na boca sem comer delle bo-
cado, o sustentava. Isto (y que he ser leal) isto si que he ser
exemplo da verdadeira fidelidade. Chegar a tirar o paõ
da boca para sustentar com elle a seu Senhor. Lasti-
ma he que carecesse tal generosidade de vzo de re-
zã, quando vemos tantas almas racionaes tam mal
empregadas em sojeito de menos honrados procedi-
mentos.

Picris

VII.

A Segunda peste (muyto me detive na passada ;
será esta a peste pequena) A segunda peste ,
define-se . Muyta fee , ou muyta confiança , &
deste mal está inficionada muyta gente , que se chamão
os demaziadamente confiados . Explicome . Ha cida-
des em Portugal que sem estarem tam longe de Castel-
la , como Roma de Cartago, nem as diuidir hum mar,
sem hum pequeno rio , & a algumas huma linha Ma-
thematica; tam confiadas estam de si mesmas , que por
mais que sam mandadas fortificar ; nam se fortificam, ha-
vendo (a maneira dos Spartanos) que onde estam os
peitos de seus Cidadãos nam sam necessarias muralhas
Ha homens em Portugal que sem terem gastado os an-
nos nas escholas de Flandes, nem campeado nas fronte-
ras de Africa, por mais que os mandam ter armas , &
exerci-

exercitallas tem por afronta; ou por ocifioda de este exercicio; como se fora contra os fôros da nobreza provenir a defama da patria, ou poderam, sem exercitar as armas, entrar naquelle numero ordenado de gente, que por constar de homens exercitados se chama exercito. He boa confiança esta como o inimigo á porta? He muy demaziada, & muy errada confiança. Desconfiar por temor, he couardia; mas desconfiar por cautella, he prudencia. Nam que ro delconfiança que faça desfayar; desconfiança que faça preuenir, si. E este segundo modo de desconfiar he muy necessario, principalmente aos Portuguezes, cujo demaziado valor os fez algumas vezes tam confiados, que o vieram a sentir mal preuenido. A moderada desconfiança, não he achaque, senam e malte da valentia. O valente dizem que ha de ser desconfiado, Ao menos hum soldado Francez sey eu, & na milicia de sua profissam soldado de fama, o qual sempre foy valente ao desconfiado; S. Roque. O que podero he que deixou Sam Roque huma vez a patria, & depois se tornou pera ella. Que deixou a patria quem queria seguir a Christo, com seguro ditame obtaua; que no remanfo perigoso da patria, principalmente os poderosos como Sam Roque mais occasiam tem de offender, que de servir a Deos, Pois se deixa a patria, & foge della: porque a torna a buscar? Em huma, & outra resoluçam obtoa como desconfiado Roque. A primeira vez fogio da patria, porque desconfiou de sua virtude; a segunda vez tornou para a patria porque desconfiou de sua fugida. Como se fizera este discurllo o Santo entre valente, & desconfiado consigo. Eu se fico na patria, as occasiões sam muytas: se me falta virtude para as resistir, fico vencido. Pois que remedio? nam ha outro senam fugir: alto, deixemos a patria. E depois de a ter deixado, como se tornára sobre si: fugir (diz Roque) he couardia: nam querer vir às mãos com o inimigo, he pouco valor. Pouco valor em hum soldado

3. Reg. 19. Soldado de Christo? Nam ha de ser assi: animo, volte-
mos outra vez para a patria; & assi o fez. Elias retrata-
do. Foge Elias de Iesabel, que lhe queria tirar a vida,
chega ao deserto, & começa, a chamar, & desafiar a mor-
te. *Potius anima sua, ut moreretur.* Tudo succedeo
no mesmo dia para ser mais achada a repugnancia. Se te-
me o Propheta a morte, como a chama? E se foge del-
la na cidade, como no deserto a desafia? Sam descon-
fianças de hum bem entendido valor. Na cidade fugio
da morte porque desconfiou de sua fortaleza: no de-
serto desafiou a morte, porque desconfiou de sua fu-
gida. O meyo em que consiste a fortaleza he entre o
temor, & a ouzadia: temeo, & ouzon Elias sempre des-
confiado, para em huma, & outra acção se mostrar valen-
te. Tam longe está de valente o timido, como o temera-
rio; & se em alguma parte está mais perigosa a conserva-
çam, he na preluçam de segura. Nem aqui nos faltará o
Evangelho.

Quer Christo que estejamos em vella, bem assi co-
mo o fazem os servos diligentes, que esperam por seu
Senhor. *Vt cum venerit, & pulsaverit* (Aqui reparo)
para que quando vier a bater. Bater? logo fechadas
ham de estar as portas. Pois se se fazem tantas diligen-
cias, por pressa, & mais pressa, se ham de estar as roupas
na cinta, se ham de estar as tochas nas mãos, & ellas ja ac-
celas; porque nam estaram tambem as portas abertas?
Porque ensinava Christo a seus discipulos a ser vigilan-
tes, & não bastam para a segura vigilancia olhos abertos
com portas abertas: senam olhos abertos com por-
tas fechadas. *Vt cum venerit, & pulsaverit*, Para que quan-
do vierem de fora achem em que bater primeiro. E se
nam bastam olhos abertos com portas abertas, que seria
portas abertas com olhos fechado? Por semelhante des-
cuydo se perdeu Troya. *Panduntur porta: Eis abis*
portas abertas. Invadunt urbem sanno vinoque sepultam.
Eis abis os olhos fechados. O que importa he moderar a
a confiança

213
a confiança com a cautella, & segurar o valor com a vi-
gilancia: vigiar, armar, & fortificar, exercitar, trabalhar, q
ainda que se tem trabalhado tanto, a empreza foi muy-
to grande, & he necessario mais.

VIII.

EO que mais necessario he que tudo (atègora co-
mo a Portugueses, agora como a Christãos] he q
as negligencias de dentro não defanimem, & de-
componhão as diligencias de fora. Quem me dera nes-
te passo as forças, & o spiritu, que não tenho. He possi-
vel que quando estamos recebendo e cheentes de be-
neficios da divina misericordia, não façamos senão pro-
vocar com peccados a divina justiça! que quando de-
ueramos andar humildes, & agradecidos a tantas mer-
ces, armemos os fauores do Ceo, contra o mesmo Ceo,
& façamos guerra a Deos com seus beneficios! que a-
inda se guarde pouca justiça! que ainda se trate pouca
verdade! que agora reynem mais as inuejas! que agora
estejão mais em seu ponto as ambiçoens! que agora, por
que Deos está por nós, nos ponhamos nos contra elle;
he boa confiança esta: Grandes motiuos nos tem dado
Deos de grande confiança; mas antes nos quer menos
confiados de suas misericordias, que pouco attentos a
nossas obrigaçoens: *Et vos stotè parati* (diz Christo por
conclusão do Euangelho) *quia quahora non putatis, filius
hominis veniet*. Estai preparados, & prenenidos, porque
na hora em que menos o imaginais, vos pedirão conta
da vida. Muyto he difficuldar Christo o remedio Jemi-
hũa hora, a quem o pode ter num instante! Se hum in-
stante basta (que tal he a bondade de Deo) para hum
arrependimento final, como nos atemoriza o Senhor cõ
as breuidades de hũa hora? Parece que he estreitar os
limites, & diminuir a opiniaõ gloriosa de sua misericor-
dia infinita! Assim parece, não ha duuida; mas quer Deos
antes menos reputada sua misericordia, que demasiada-
mente confiada nossa esperança. Confiar em Deos of-

fendendo, he venerar hum attributo com injuria dou-
tro, & presumillo tam misericordioso, que possa ser me-
nos bom. *Absit ut ita aliquis interpretetur*: Deus nos liure

Tert. 3i. Tertuliano) *quasi ex redemptiois clementia cal. fis, libidi-*
de Pan. nem faciat humana temeritas: que nos sirva de tentação
c.7. a liberalidade de divina, & façamos costas a nossas temeri-
dades cō os exemplos continuos de suas misericordias.

Miseria he, & cegueira de entendimentos grande, que
nos traga de vanecidos, & descuidados, o que nos de-
uera fazer humildes, & temerosos. Porque Castella se
vay percipitando a tão conhecida ruina nos dias nos
por seguros? O miseria! porque Castella se vê em esta-
do, que já não pode resistir a seus inimigos, nos imagina-
mos vencedores dos nossos? O cegueira! Alegremos vã-
mente o q nos deuera cōfundir, animamos o q nos deue-
ra affombrar, & enchenos de confiança, o que nos deue-
ra encher de temor. Não fallo do temor q faz temidos,
senão do temor q faz timoratos; não do temor que faz
temerosos dos homês, senão do temor q faz tementes a
Deos. Perganto, senhores, porque está Deos irado con-
tra Castella, & a castiga tão rigorosamente? Não ha du-
vida, q por seus peccados, por suas maldades, por suas in-
justiças, por suas soberbas, por suas incontinências, &c. boas
testemunhas somos, como cōplices hū tēpo dos mesmos
delitos. Pergūto mais. O Deos de Castella, he o mesmo q
ode Portugal, ou outro? Esta pergunta não tē resposta. Po-
is o Deos he o mesmo, & em Castella castiga peccados;
como ha de premiar peccados em Portugal? Se Castella
tem a ruina em seus vicios; como haemos nos de ter a
segurança nos nossos? Oh que bẽ aperrou a força desta
razão o Propheta Nahū fallido com a cidade de Tyro.

Nah. 3 *Num quid meliores Alexandria populorum, qua habitat in fla-*
minibus, &c. Por ventura, ó Tyro sois vós melhor que a
grande cidade de Alexandria cabeça de tantas Provin-
cias? Por ventura, ó Portugal, sois vós mayor, & mais
popu

275
populoso, que Hespanha, todo de quem ereis parte? *Et tamen ipsa abiit in transmigrationem*, & com tu lo Alexandria, ò Tyro, foi destruida: e com tu lo Hespanha, ò Portugal vay se acabando. Pois se a Monarchia famosa das Hespanhas: se aquella, que pouco ha dominaua facilme te o mundo, assi a castiga, & aniquila Deos por seus peccados: se lhe naõ vala Hespanha seu dilatado Imperio, se não se sustenta nos estribos de sua grãdeza, se de suas proprias entranhas brotão as labaredas, com que se vay consumindo este Echna, se tantos exercitos espalhados pello mundo a não defendem, se tantas frotas, & tantos milhoens a não socorrem, se tantas oraçoens (que he mais) & tanto culto diuino, se tantas peniteacias, & sacrificios naõ bastaõ a ter maõ no braço irado da diuina justiça: se tão prouocão a Deos os peccados de Hespanha porque não teme Portugal os seus; porque os não teme & os não chora? Não nos fiemes indiseretamente em milagres, & faoures do ceo: porque em grandes misericordias ensaya Deos grande castigo: & todo este bem perderemos, se formos ingratos. Com grandes milagres & prodigios liurou Deos ao pouo de Israel do catineiro de Pharaõ em q̄ estauão, & com tudo de tãtos mil q̄ sahirão do Egypto, porq̄ peccaraõ despois de tão grande merce, so dous entraraõ na terra de promissaõ. Libertou os Deos por afligidos, & despois castigouos por ingratos. Fiquenos esta aduertencia Christaõs, consi leremos bem esta verdade obremos pello dictames deste desẽgano para q̄ sabamos o q̄ principalmente deuemos temer, & sobre que bases podemos fundar segura a firmeza de nossas confianças. Agradar, & seruir a Deos, & lo go confiar animosamente.

E para que sejaõ efficazes estes remedios, Roque diuino, debaixo de vossa proteccã, & faouor esperamos os efeitos de virtude. Francez, & Portugues sois glorioso Santo, & em hum & outro titulo estam bem fundadas nossas esperanças. Quem melhor nos socorrerá q̄ hum

hum Francez, quando as florentes Lizes de França com
 taõ hermanada correspondencia, assistem ao lado das
 Quinas Portuguezas? E quem mais natural Portuguez,
 & mais verdadeiro, que aquelle, que nasceo com o habi-
 to de Christo sobre o peito esquerdo publicando que e-
 ra cavalleiro Francez por geraçaõ, mas Portuguez por
 nascimento? Todo o Reyno de Portugal vos encomen-
 do diuino Roque, pois tam duplicadas saõ as razõs cõ
 que confia em vosso fauor. Encomendouos esta Cidade
 que com tanta deuaçaõ, & frequencia solemniza vossas
 sagradas memorias. Encomendouos esta Casa, que tam
 autorizada estã com vosso patrocinio, & taõ rica, & taõ
 santificada com o thesouro de vossas preciosas reliquias
 Encomendouos, mas não vos encomendo, que não he ne-
 cessario, a vossa real, & illustrissima Irmãdade, em que
 vos ser uirão os Reys, & vos serue a melhor nobreza, &
 particula: mente, como tam particular nelle, vos enco-
 mendo glorioso Santo, a quem hoje com tam lembrada
 preuençaõ, & com taõ anticipada liberalidade celebra
 vossa festa ausente. A pessoa, a causa, os beneficios pedẽ
 que tenhais boas ausencias com quem as sabe ter tam
 pontuaes; & ainda que em distancia tanta; là chega tam
 bem a jurdiçaõ milagrosa de vossos poderes, que a hosti-
 lidade de nossos mal reconhecidos amigos, que ainda a-
 ly não cessa, peste foi daquelle estado, & peste do mudo
 Deste mal tam pernicioso nos ajudai a liurar poderoso
 Santo, aquella tam dilatada Prouincia, a mais rica, e ma-
 is preciosa joya desta Coroa; para que ou no descanso
 da verdadeira paz, ou na superioridade de victoriosa
 guerra, se luza a conhecida prudencia, & valor de quem
 vos serue, & governa, & o sempre, & em toda a parte ef-
 ficaz patrocinio de vossa sagrada intercessãõ, pela qual
 esperamos tãbẽ, mediante a graça, a gloria. *Quã mihi, &c.*
LAVS DEO.

Taiçaõ este Sermão em Reis em papel. Lisboa 31. de Outubro de 656.
 Menses, Ribeiro.

CASEY
Y6585

